

## PENSANDO COM ARTE – UMA APRESENTAÇÃO

*A arte é fuga ao caos. É movimento ordenado em números; massa limitada em medida; indeterminação de matéria à procura do ritmo da vida. (Read, Herbert, 1978, p. 34).*

**Pensando com arte** seria um lugar comum se o deslocamento racional do pensamento não se inundasse de si. **Pensando com arte** poderia ser apenas mais um modo de dizer a arte e a educação, mas não nos cabe aqui qualquer possibilidade de instituir um lugar comum ao outro. **Pensando com arte** não nos traria mais que um traço, uma curva ou um bailado desequilibrado de um bêbado. Uma reta perpendicular entortada e desarrumada pelo caos que habita cada um de nós. Uma curva desfeita e, acima de tudo, mutilada pelo desejo de ser além de reta ou curva um simples contorno que possa envolver a alma do ser humano.

Seria mais que um afago nos cabelos reticentes de nosso juízo? Uma dor contida pelo outro mundo criado por nós para habitar nossa desmesura? O que seria propriamente **pensando com arte**? Um desvelo pelo mundo? Um coibir de intenções nunca dantes percorrida pelo intelecto? Um passeio pelo porvir imundo de um sinuoso direito de inventar todos os mundos possíveis de nossa sensibilidade?

**Pensando com arte** pode ser um mero tributo de seres humanos que resolvem dizer o mundo utilizando a linguagem formal e, ao mesmo tempo, exteriorizando de diversas formas, contextos e modos de dizer a linguagem das artes. Essas linguagens, evidentemente retiradas do caos, recortam a desmesura com pitadas de insanidades racionais. Inventam outros contextos. Sacralizam o mais detestável, pavoroso e monstruoso desafeto e desequilíbrio da cultura. É ponte conectada em sempre novas pontes conceituais. É o entorno do mundo que brilha pelos lampejos e desequilíbrio de nosso porvir. E quem se importa com o porvir?

E quem de nós poderia ascendê-lo para além do bem e do mal? Quem suportaria a dor de uma nota desequilibrada e sem ritmo? Quem poderia consolidar um acorde perpendicular que pudesse penetrar as entrelinhas de um

período construído para cantar uma rícita ou uma ode ao amor? E por que não cantá-lo? Poder-se-ia celebrar o deus do amor com uma grande festa recheada pelas musas filhas de Júpiter e da memória.

Entretanto, para dizer o amor o simples silêncio pode galopar nossa imaginação. Um deleite intuído pelos compassos polifônicos de nossos aplausos. Um gínga que baila o mundo pelo som do berimbau, pelo compasso do pandeiro acelerando nossos sentimentos mais tenazes e gíngados pelo equilíbrio de um capoeira que inventa o descompasso do bêbado para jogar um jogo de guerra. Como viver o mundo sem a invenção da arte? Como réverter o cotidiano de ações banais para torná-lo um lugar de trapaça artística?

Seria quase impossível imaginar nosso cotidiano sem arte, sabemos que ela esta presente em grande parte de nossas atividades, especialmente no espaço urbano. Basta um simples passeio pelas ruas do centro de uma cidade e por um bairro. Mesmo sem sairmos de nossas casas, quando ligamos um rádio, computador ou televisão passamos a receber imagens e sons, na maioria das vezes produzidas por artistas, portanto são formas de arte. Na realidade vivemos numa sociedade estetizada, tudo que o homem moderno toca transforma-se em arte.

Apesar de todas estas constatações de nosso envolvimento como a arte no cotidiano, quando tentamos definir o que é arte nos depararmos com um problema. A palavra "arte" tem sido empregada, para designar a atividade do artista em todas as épocas, embora o seu significado, assim como o lugar do artista na sociedade tenha mudado ao longo do tempo na civilização ocidental.

No final do século XIX, as mudanças do modo de vida da civilização ocidental, caracterizado do ponto de vista material pelo início da adoção da tecnologia industrial, no campo filosófico e estético foi marcado por discussões radicais que pregavam a morte de Deus e da arte. Embora à primeira vista pareçam absurdas estas idéias contribuíram para o debate sobre a posição da arte e do artista naquele novo contexto, pois era inegável que até aquele final do século XIX, a religião havia possibilitado as mais importantes produções artísticas. No século XX surgiu uma

infinidade de conceito novos para a arte, e o fazer artístico passou a ser objeto de análise de novas ciências como a psicologia e a sociologia, abrindo possibilidades de novas abordagens e indagações sobre a necessidade da arte para o homem moderno.

No campo da estética passou-se a discutir as possibilidades de análise da arte do ponto de visão utilitarista e pragmático e a da arte como princípio ordenador do caos exterior e interior do homem. Partindo dessa gama de possibilidades o crítico de arte inglês Herbert Read, passou a defender uma educação pela arte e daí nasceu um corrente de pensadores e educadores que desenvolveram metodologias de ensino privilegiando a educação através da arte. Esta forma de pensar a arte ensejou vários métodos e abordagens de ensino fundamentadas na perspectiva de que através da arte é possível trabalhar uma formação integral do ser humano. Nesse sentido surgiram pensamentos que defendem que a arte é parte integrante da nossa realização enquanto indivíduos da sociedade humana. Pois é exatamente a capacidade de pensar e criar, que nos diferencia dos outros animais. Ana Mãe Barbosa usa a seguinte expressão *"a arte é co-natural ao homem"*.

Em *"Arte: abordagens e temáticas"* os artigos trazem em comum o fato de refletirem sobre conceituações, metodologias, processos didáticos e apresentarem resultados de pesquisas, e discussões político-estéticas do fenômeno artístico, no meio acadêmico Brasileiro deste início de século XXI.

A idéia principal é oferecer um leque de abordagens sobre o fenômeno artístico. No campo educacional a utilização da arte e ensino de arte, têm se apresentado um constante processo de (re)estruturação tanto do ponto de vista da didática, como da adoção de novas metodologias. A complexidade do campo de conhecimento Arte, cujas subdivisões em nível acadêmico compreende campos de atuação que também podemos definir por linguagens ou expressões, como por exemplo: Artes Visuais, Teatro, Música e Dança, tem possibilitado o surgimento de novas abordagens e incorporado novos objetos de estudo ao âmbito das pesquisas, sejam elas de natureza teórica ou praticas.

O livro é uma tentativa de suprir do ponto de vista prático, a falta de publicações sobre arte para professores e pesquisadores. E do ponto de vista idealista, ampliar a discussão de arte como um campo de conhecimento multidisciplinar, tendo como fio condutor a educação como formação humana.

Declaramos também que a mola impulsionadora desta reflexão, se compõe através da nossa comunhão com as falas de vários autoras e autores, sobre a concepção equivocada, que ainda prevalece entre muitas professoras e professores, de que a Arte é uma expressão pessoal e como tal, fruto dos sentimentos. E que a criação artística é o resultado do afeto e da emoção codificados e traduzidos em Arte. Ou ainda por vezes, essas mesmas pessoas afirmam ser a função da Arte na escola, apenas passar qualquer conteúdo escolar do tipo: desenvolver a capacidade motora, melhorar a disciplina e atenção. Isso quando não tem a função de servir ao simples propósito de ilustrar 'festinhas e datas comemorativas'. Nesse território todas as culturas poderiam ser celebradas e agraciadas pelo cuidado e compreensão de todos. Um lugar de tolerância.

Entretanto, o fazer artístico necessitaria de nossa tolerância. Que critérios racionais poder-se-ia introduzir para se demarcar o bom, o belo, o justo e/ou virtuoso? Estados da alma? Conexões com o belo ou infinito? Reminiscências divinas repartidas com os mortais ou seria algo muito mais humano como deve ser as nossas ações experienciais? Seria o homem um artista consumado ou simplesmente uma obra de arte? Criador do divino ou simplesmente a própria divindade? E a educação poderia tolerar o desequilíbrio da arte? Suportaria seu desvelo? Tornaria anacrônico seu tracejado pelo tempo? A arte nos torna divinos e senhores do mundo. Isso impõe ao instante da eternidade o mais sublime e intempestivo modo de fazer com que os deuses dançam.

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos  
Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales